entrevistas



uma palavra sobre lacan

Entrevistas concedidas a Gilberto G. Gobbato

Laure Thibaudeau

Eu posso falar como encontrei Lacan, como comecei uma análise com Lacan. Foi após uma análise, com um outro analista, em que me encontrava num impasse. Um impasse quando tudo parecia ter êxito. Foi uma análise que parecia ter realizado tudo o que eu desejava na minha vida, naquele momento, isto é, tudo estava muito bem afetivamente e no nível profissional. Entretanto, dei-me conta que minha análise, do ponto de vista da causa analítica, estava num impasse, então decidi parar a análise.

Eu sabia que minha análise não tinha terminado e tentei então encontrar analistas que me permitiriam continuar do ponto onde a deixei em suspenso. Encontrei vários analistas que me reenviaram ao meu primeiro analista, dizendo que havia algo de minha cura que não foi resolvido com meu analista. Eu não agüentava mais, estava no fim da estrada, completamente embaraçada com a questão da psicanálise sem nada poder fazer. Então decidi telefonar para Lacan. Ele era para mim um velho senhor, e eu não quis vê-lo antes porque ele estava idoso e como eu teria um grande trabalho analítico por fazer, achava que ele não poderia me acompanhar. Eu tinha a idéia de que ele não viveria suficientemente muito tempo e que eu ficaria na superfície concernente à psicanálise.

Não agüentando mais, eu lhe telefonei, mesmo sabendo que Lacan não recebia, ou muito raramente, novos pacientes. Isso ocorreu cinco anos antes de sua morte. Apesar da barreira que fazia Glória (secretária de Lacan) eu consegui falar com o Dr. Lacan. Eu lhe disse que gostaria de encontrá-lo, porque estava numa situação muito crítica em relação à psicanálise. Então ele me disse: "quando você quer me encontrar?". Respondi-lhe que queria vê-lo o mais rápido possível. Eu lhe telefonei numa sexta-feira ao meio dia e na Segunda-feira seguinte depois do almoço fui ao seu consultório. Foi realmente rápido, e isso me deu vida, o fato de ele levar em consideração a dimensão de urgência na qual eu estava, urgência de dizer, isso não poderia ficar sem endereçamento por muito mais tempo. Nisso eu encontrei a marca do analista de poder escutar,

de poder receber alguém dum dia para o outro, sem esperar. Ele havia escutado algo em urgência sem levar em consideração a dimensão do seu prestígio.

Ele me recebeu, e o que mais me tocou foi sua extrema atenção, o extremo respeito, a vigilância que ele me ofereceu. Ele tentou fazer tudo o que estava ao seu alcance para me acolher o melhor possível. Um acolhimento de uma qualidade excepcional, que permitiu finalmente que ele se inscrevesse como meu analista e sua marca enquanto objeto ofereceu-se imediatamente como suporte do meu objeto. Naquele momento ele já era meu analista, e eu nem sabia que já era sua analisanda. Pronto, eu estava tranqüila, tinha encontrado um lugar para minha questão. Minha questão pôde ser endereçada a Lacan.

Franz Kaltenbeck

CHEGUEI À PARIS em abril de 1976 e comecei minha análise com Lacan em 6 de junho de 1976, ficando com ele até sua morte.

É preciso lembrar que nesta época a situação intelectual na França era extremamente interessante. Paris era muito fértil, era um lugar que nos atraía.

Quanto ao meu encontro com Lacan, eu gostaria de falar de dois pontos que me impressionaram:

Primeiramente, seu rigor como analista. Ele exigia que eu fizesse cinco sessões por semana, como se fazia na época de Freud. Neste sentido, era uma análise freudiana, ortodoxa, e Lacan não cedia nessas exigências. Num dado momento eu não podia mais pagar o preço das sessões e Lacan me colocou diante de um imperativo: "Ou você se vira para continuar, ou você parte". Eu continuei.

O segundo ponto que me impressionou foi a criatividade de Lacan como analista. Sua criatividade, no meu caso, manifestou-se desde o início. Houve verdadeiramente uma ação fulgurante do inconsciente através de sua operação onde ele estava como objeto causa do desejo. É preciso dizer que Lacan era alguém que interpretava muito. É por isso que eu não suportei, muito mais tarde, há cinco anos mais ou menos, na Escola da Causa Freudiana, a idéia de que o analista não tem mais de interpretar, que o analista pode deixar a interpretação ao inconsciente. Isto porque eu estive com alguém que interpretava enormemente, e ele sabia interpretar e escandir. As escansões, os cortes das sessões eram extremamente

produtivos, criava-se sentido, e a partir da produção de sentido, você trabalhava entre as sessões e terminava produzindo um não sentido, um enunciado indeterminado, uma incerteza. E foi isso que permitiu a queda do significante traumático que opera na análise.

O que também me impressionou foi que à medida que a análise avançava, o inconsciente falava de um certo modo, ele se despojava de seu envelope imaginário e falava mais uma linguagem lógica, uma linguagem em forma de paradoxo. Por exemplo, a menor intervenção de Lacan tinha sempre a dimensão de um equívoco extremamente produtivo. Um dia eu lhe contei um sonho no qual havia uma mulher, e eu lhe disse que esta mulher o representava. Ele me respondeu: "Isso não me passou desapercebido". Se nós refletirmos nesta simples resposta, ela é extremamente profunda, ela tem mais de um sentido, ela nos conduz a uma espécie de depuração lógica do inconsciente e a enunciados que mostram efetivamente a estrutura do inconsciente. Eu penso que foi isso que muito contribuiu ao progresso de minha análise.

O último ponto sobre o qual eu gostaria de falar é a respeito do fim trágico de Lacan, à medida que ele foi desamparado, abandonado por inúmeros de seus alunos, que se desviaram de Lacan de maneira brutal, simplesmente porque ele estava doente. Eu nunca pude compreender isso. Penso que isso foi um dos pontos que contribuiu para a divisão, a dispersão dos lacanianos na França.